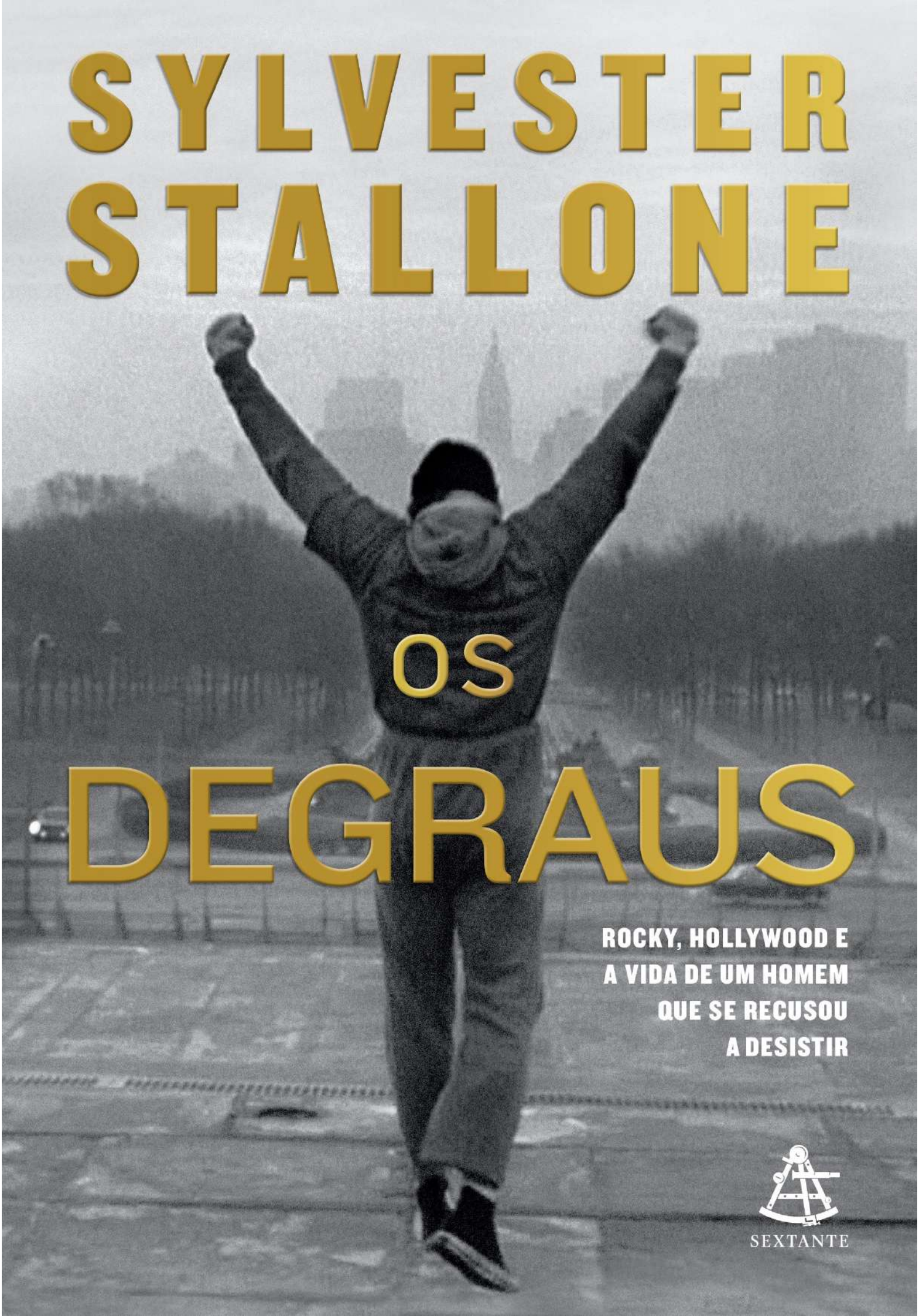
SYLVESTER STALLONE



OS DEGRAUS

ROCKY, HOLLYWOOD E
A VIDA DE UM HOMEM
QUE SE RECUSOU
A DESISTIR

SEXTANTE

Para Jennifer
Seu amor transformou minha vida em um lindo milagre!

Para Sophia, Sistine e Scarlet
Obrigado por terem vindo ao mundo.
Vocês são as estrelas mais brilhantes do meu universo!

Para o mundo
Que Deus abençoe todos vocês,
os verdadeiros Rockys da vida real,
onde quer que estejam!

DEGRAU ZERO

ESPANHA

A vidente

Numa estrada de terra que levava ao mar, no meio dos Pireneus, vi uma placa. Era de uma vidente. Por 100 pesetas, ela leria meu futuro.

O ano era 1969. Meses antes, eu tinha largado a Universidade de Miami faltando poucas disciplinas para me formar, e agora, como tantas pessoas da minha geração, estava fazendo um mochilão pela Europa enquanto tentava "me encontrar". Se havia alguém na Espanha que precisava de orientação sobre o futuro, era eu.

O nome da vidente era Madame Pilar. Ela morava numa casa dilapidada um pouco mais adiante na estrada. Tinha cabelo comprido e escuro, com cachos que escapavam por baixo de um lenço que cobria sua cabeça. Parecia uma cigana típica. Eu me sentei diante dela. Ela colocou um ovo dentro de um lenço e o esmagou. Então começou a ler a minha mão.

A cigana mal falava inglês, e acompanhei como pude. Ela disse que minha linha da vida era dupla. Eu teria duas vidas diferentes. Indicou um ponto e disse que a mudança aconteceria quando eu tivesse 25 anos. Eu tinha acabado de completar 23. Ela me mostrou que eu tinha três linhas do casamento, o que achei esquisito. Então começou a fazer previsões.

Ela era superconfiante. Assim que saí da casa, peguei meu caderno e anotei tudo que consegui entender em meio ao sotaque, para não esquecer depois.

"O espírito de um ator cuida de mim da terra dos mortos. Cabelo preto. Sensibilidade. Ele é a minha proteção."

"Uma mulher mais velha no meio artístico me lançará a uma vida teatral."

"Estarei rico até 1976."

"Drama, não musicais. Evitar comédias."

"Eu tenho a mente de um homem de 40 anos, mas, quando chegar aos 40, terei uma mente de 22."

"Sofrerei palpitações nervosas e apreensão no meu julgamento."

"Devo sempre confiar no meu discernimento e nas minhas ações."

Era como se Madame Pilar soubesse a meu respeito coisas que pareciam verdade, ou que logo se tornariam. É fácil dar um grande peso a esse tipo de previsão quando se está numa encruzilhada, como era o meu caso. Na minha idade, eu não podia mais ser chamado de garoto, mas também não podia ser chamado de homem, porque não tinha sofrido o bastante. A maioria das jornadas de autodescoberta chega a esse ponto. Você quer "explorar" suas limitações e "expandir" sua mente, mas ao mesmo tempo finge que não precisa enfrentar o fato de que a vida é uma luta árdua e o mundo pode ser muito brutal.

Essa era a minha situação. Eu não estava buscando nada, apenas fugindo da realidade. Precisava decidir se queria continuar fingindo ou se daria o primeiro passo para encarar a realidade.

Meu sonho era ser ator. Tinha passado dois anos improdutivos na faculdade de artes dramáticas na Universidade de Miami, perdendo papéis de protagonista e usando as rejeições para alimentar minha criatividade e produzir peças meia-boca num porão de igreja mal iluminado com meu amigo John. Elas eram divertidas, mas nunca deram em nada, da mesma forma que eu não estava dando em nada. Algo precisava mudar.

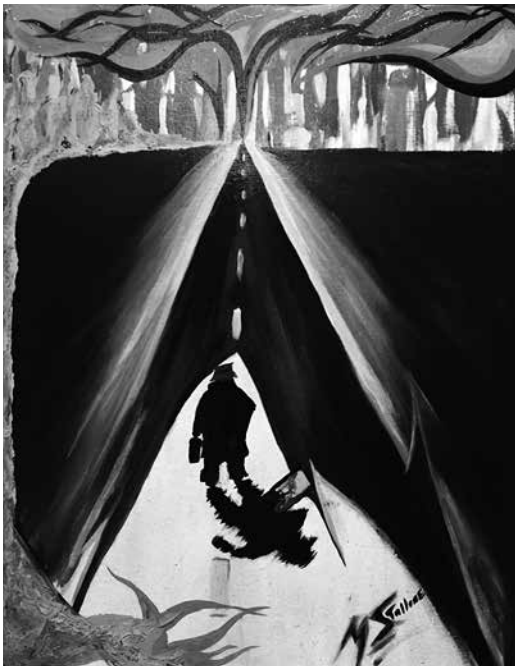
Saí dos Pireneus no dia seguinte e acabei parando em uma praia na Costa Brava, nordeste da Espanha, por volta do pôr do sol. O lugar estava deserto, exceto por um pescador na beira do mar. Ele arrancava mexilhões de algumas pedras expostas. Só me restavam algumas pesetas, e as usei para comprar meia dúzia dos moluscos do velho. Levei minha refeição simples para o topo de uma colina acima da praia. Encontrei um lugar confortável, apoiei as costas na mochila e tirei as botas. Enquanto abria os mexilhões com uma lasca de madeira, pensava sem parar em como estava desperdiçando meu bem mais valioso: o tempo. O controlador mais poderoso e implacável da vida.

Sentado lá no alto, com vista para o mar Mediterrâneo, o sol se escondendo atrás dos montes, estava claro que eu precisava deixar aquela experiência para trás e começar a construir a vida dos meus sonhos. Eu tinha

que voltar para os Estados Unidos. Para a cidade que, acima de todas as outras, é capaz de realizar sonhos ou destruir corações: a única e inigualável Nova York.

Enquanto a noite caía, olhei para o mar escuro e pensei: *Agora está na hora de crescer*.

Hora de encarar o inferno, jovem.



Uma longa estrada pela frente.

PRIMEIRO DEGRAU

NOVA YORK

1

De volta a Hell's Kitchen

Após dez horas de voo e duas de ônibus, saí da rodoviária Port Authority e fui atingido por uma explosão de calor e uma onda de barulho para as quais não estava preparado. O coro impressionante de vozes humanas, o rangido de malas sendo arrastadas pelo piso de linóleo e concreto, o estrondo do trânsito incessante e das buzinas de carro ecoando de todas as direções, por cima da música que saía aos berros dos rádios – tudo isso atingiu meus sentidos como a luz do sol através de uma lupa e incendiou o ar de verão de Nova York, transformando-o numa torrente de calor infernal e atividade humana.

Bem-vindo ao lar, Sly.

O sol estava quase se pondo, e eu não tinha onde dormir nem conhecia uma única pessoa naquela cidade gigantesca de milhões de habitantes. Sério. Eu não sabia para onde ir. Cheguei à rua e me vi caminhando entre desconhecidos. Observei as placas de rua e tentei me localizar: Rua 42 com Oitava Avenida. Um lugar familiar. Quando eu era bebê, nosso apartamento ficava na Rua 46 com a Nona Avenida, no coração de Hell's Kitchen, ali perto. Decidi fazer uma caminhada de volta aonde tudo tinha começado.

Eu nasci em 6 de julho de 1946, para a surpresa da minha mãe. Ela nunca quis ter filhos e viveu em negação da gravidez até entrar em trabalho de parto dentro de um ônibus numa tarde de sábado. Um passageiro gentil a tirou do veículo e a levou até o hospital mais próximo, que, por acaso, era uma instituição de caridade que atendia trabalhadores pobres.

O parto foi difícil.

Houve complicações.



Refletindo sobre um futuro
que ainda parecia distante.

Eu não conseguia passar pelo canal vaginal, então um membro da equipe médica usou um fórceps para me puxar. Esse procedimento tem certos riscos. Se o fórceps for posicionado incorretamente na cabeça do bebê, pode causar sequelas permanentes, como fraturas de crânio, traumatismos cerebrais, lesões faciais e oculares e, no meu caso, paralisia e desfiguração permanente. Sem querer, eles esmagaram um nervo que paralisou o lado esquerdo do meu rosto, e isso mudou minha vida para sempre. Fiquei com a boca torta e a fala arrastada. Paciência.

Nosso apartamento era minúsculo, muito simples e não tinha água quente, a ponto de ser quase impossível lavar a louça. Entrar na banheira era um suplício, sobretudo no inverno, por isso os banhos eram raros. Minha mãe fervia água no fogão para misturar com a água gelada da banheira e me dava banhos rápidos de esponja. Quando não era usada para seu propósito original – na maior parte do tempo –, nós fechávamos a pequena banheira com uma placa de compensado e a usávamos como mesa de cozinha – uma elegância só.

O aluguel era 15 dólares por mês. Não havia aquecimento central. O fogão tinha apenas uma boca pequena. E a parte divertida: meu pai fechava os buracos nos rodapés com palha de aço para impedir que ratos entras-





À esquerda, na famigerada banheira que servia de mesa.
À direita, uma foto de família.

sem. Achava que os roedores não comeriam palha de aço, porque os fios ficariam presos em seus dentes. Mas, só para garantir, amassava latas de tomate e as enfiava nos buracos também.

Nem preciso dizer que tínhamos uma vida simples quando eu era pequeno. Meu primeiro berço foi uma gaveta na cômoda com um travesseiro. Com o tempo, fui promovido para uma espécie de berço com tampa e trinco. Pode parecer cruel, mas foi melhor assim, porque quando bebê eu era hiperativo como um vulcão. A última coisa que você quer é que seu filho saia engatinhando pela janela e chegue na escada de incêndio, o que fiz mais de uma vez. Certa vez, pedi um gato para meu pai. Ele disse que, se eu quisesse um animal de estimação, podia brincar com os filhotinhos de rato rosados que tinham passado pela palha de aço e ficado presos na fita pega-mosca embaixo da pia.

Meu pai queria ser cantor, mas morria de medo do palco, então foi estudar para ser cabeleireiro, porque fazer cabelo de mulher dava mais dinheiro. Foi lá que conheceu minha mãe. Ela sempre quis ser uma estrela – atriz, dançarina, qualquer coisa. Era obcecada com a fama. No fim, virou vendedora de cigarro na Billy Rose's Diamond Horseshoe, uma boate no porão do Paramount Hotel, na Rua 46 Oeste. Muitos anos depois, ela se ga-

baria para novos amigos de ter sido a "grande estrela" da boate. E acreditava mesmo nisso, mas era uma sonhadora. Vai ver foi dela que peguei a doença.

De toda forma, eles se casaram,

mas

havia um probleminha.

Minha mãe se esqueceu de se divorciar de seu primeiro marido, Tommy, um caminhoneiro corpulento de Keansburg, Nova Jersey. Além disso, tinha um filho de 4 anos e passou a vida inteira se recusando a admitir que o havia parido. Meu pai não gostou de saber da bigamia. Segundo parentes, quando ele descobriu quebrou muitos móveis e socou muitas paredes. Era o começo violento de um casamento caótico. Os dois tinham pavio curto. Viviam quebrando o pau. Discussões aos berros aconteciam praticamente o tempo todo. Assim como muitos homens que nasceram na Grande Depressão e combateram na Segunda Guerra Mundial, meu pai explodia com facilidade. Isso não assustava minha mãe, que era excêntrica e muito peculiar. Ela rebatia, instigava e não se fazia de rogada quando a briga se tornava física.

O apartamento minúsculo se tornava um campo de batalha sem aquecimento.

Eu não fui uma criança fácil; meus pais também não eram pessoas fáceis. Acho que logo no começo toda essa questão de criar um filho acabou atrapalhando enquanto eles tentavam encontrar seu "lugar" numa cidade dura. Por isso, decidiram me mandar para o outro lado do rio, mais especificamente para Jackson Heights, no Queens, onde fui morar numa pensão administrada por uma simpática senhora sueca chamada Mama Hanson. A pensão tinha seis quartos que eram sempre ocupados por caixeiros-viajantes, comissárias de bordo e uma variedade de viajantes, andarilhos e errantes passando pela cidade. Eu era a única criança lá, mas não me incomodava. Às cinco da tarde, o jantar era servido, e eu me sentava à mesa com desconhecidos simpáticos, escutando-os falar sobre a "vida" – ou a falta dela. Quando não estava com Mama Hanson, as filhas dela se alternavam tomando conta de mim.

Nosso pequeno apartamento era basicamente uma granada de mão com metade do pino puxado, por isso entendo facilmente por que meus pais me queriam fora de lá, pelo bem deles e pelo meu. No total, passei três anos na pensão. Eles me visitavam mais ou menos uma vez por mês e levavam um brinquedinho ou um doce. Ficavam cerca de uma hora, o

que não parecia me incomodar – pelo menos foi isso que me contaram quando eu estava mais velho.

Quando penso no tempo que passei lá,
acho que, no fim das contas, deu tudo certo.

—

Agora, ali estava eu, parado na esquina da Rua 46 com a Nona Avenida, olhando para todas as escadas de incêndio que me cercavam. Os moradores do bairro viviam suas vidas nessas escadas. Penduravam a roupa para secar. Cozinhavam, comiam e dormiam ali em muitas das noites escaldantes do verão, em julho e agosto. Não havia como escapar do calor naquele bairro, a menos que você puxasse uma cadeira e enfiasse o rosto corado na geladeira por alguns minutos.

Entre o fim dos anos 1940 e o início da década seguinte, Hell's Kitchen era uma área complicada, cheia de gangues e gente superviolenta. De vez em quando alguém era morto por ali. Desde pequeno, você aprendia a cuidar da própria vida e a nunca andar pela calçada, e sim pela rua, para evitar ser puxado para uma viela e assaltado.

Mas ficar remoendo lembranças não me daria um lugar para dormir. Com a escuridão chegando e o jet lag começando a bater, voltei para a rodoviária. Lá dentro, havia ar condicionado de sobra e, mais importante, bancos. Encontrei um vazio e tratei de ocupá-lo.

Eu não fazia ideia de como aconteceria essa história de ser "ator", ou de como me viraria naquela cidade imensa. *Isto com certeza é começar do zero*, pensei. Eu me sentia intimidado com essa situação?

Sem dúvida.

A solidão é a experiência mais letal,
às vezes derradeira,
que uma pessoa precisa aprender a suportar.

Não fazia diferença. Eu iria até o fim, sem voltar atrás. Com sorte, só seguiria em frente. Repetia para mim mesmo que daria tudo certo, meio que me forçando a acreditar nesse mantra. No fim das contas, não sei se foi a autossugestão ou o jet lag, mas consegui fechar os olhos e dormir um pouco abraçado à mochila, que guardava meus poucos pertences com segurança.

2

Lar, amargo lar

Por favor, evite dormir em rodoviárias. É impossível.

A Port Authority talvez seja a maior rodoviária dos Estados Unidos. Mas uma coisa é certa: ela é a mais caótica. Pessoas e ônibus chegam e partem durante a noite, fazendo um barulho constante. Ladrões e larápios ficam à espreita nas sombras. Os policiais fazem rondas em intervalos de algumas horas, batendo seus cacetetes no topo dos bancos: "Circulando, cara." Algumas vezes, eu estava num sono profundo quando um deles me acertava na sola das botas, emitindo um choque elétrico que percorria meu corpo inteiro. Do tipo que você sente até na bunda.

Depois que amanheceu, a rodoviária foi tomada por uma multidão, vinda de todas as direções. Foi avassalador. O problema nem foi tanto o barulho – apesar de ensurdecedor –, e sim o fato de que todas aquelas pessoas tinham para onde ir. Sabiam que caminho seguir. Eu, não. Eu mal sabia onde estava.

Naquela primeira manhã na cidade, passei na frente de um jornaleiro e vi a seguinte manchete: "Roqueiros exaustos começam êxodo." Estavam indo embora de um lugar chamado Woodstock. Um festival de música, imaginei. A data era 18 de agosto de 1969.

Quando digo que não tinha a menor ideia do que estava acontecendo nos Estados Unidos, é sério. Eu estava perdido de verdade. Tinha passado três dos últimos cinco anos na Europa, dois deles na Faculdade Americana da Suíça, a cerca de 90 minutos de Genebra. Parece chique, mas era um velho sanatório que tinha sido convertido em instituição de ensino. Antes, as pessoas iam para lá tentar sobreviver à tuberculose; depois, iam em busca de um diploma que não conseguiriam em nenhum outro lugar. Mais tarde volto a esse assunto.

Eu tinha um total de 80 dólares. Decidi procurar um lugar para morar no centro, em Bowery. Era a pior parte da cidade. *Se eu quiser alugar um quarto de pensão, vai ter que ser lá*, pensei. Passei o primeiro dia inteiro indo de pensão em pensão, mas não encontrei nada aceitável. A maioria estava lotada ou era infestada de ratos. As pessoas que eu via morando nesses lugares pareciam ter desistido completamente da vida, só esperando o Pai Tempo fazê-las desaparecer. Eu já tinha meus próprios problemas; não precisava dessa imagem na minha cabeça quando fosse me deitar. No fim, achei melhor dormir duas noites ao lado das caçambas de lixo na viela embolorada atrás do notório Terminal Bar, em frente à Port Authority, do que conviver com gente assim.

Fico feliz por nada ter dado certo no centro da cidade. Eu precisava estar perto dos teatros e dos estúdios de televisão, que ficavam numa localização mais central de Manhattan, entre as ruas 40 e 46, ladeando a Broadway. Eu perderia muito tempo no trajeto diário do centro até lá.

Por um milagre, no dia seguinte, encontrei um lugar no East Side, na Rua 56 entre a Primeira e a Segunda Avenidas, convenientemente bem perto da agitação. O lugar se chamava Sutton Hotel. Um prédio grande, dilapidado, cheio de almas depravadas e perdidas, que urinavam no elevador, defecavam nos corredores, usavam drogas e faziam sexo nas escadas. Você entrava no prédio por uma porta giratória e dava de cara com um saguão com piso de cimento e uma passadeira gasta que ia até a recepção, que era apenas um balcão cercado por uma grade, onde um gerente de olheiras fundas ficava observando as idas e vindas dos residentes derrotados.

O gerente era um sujeito grande. Vivia de charuto na boca e tinha sempre uma pistola embaixo do balcão. Era o porteiro daquele pedacinho de inferno. Era para ele que pagávamos o aluguel – 21,80 dólares por semana. Se você recebesse cartas ou mensagens, elas passariam por ele. Se quisesse fazer um telefonema, era muito simples: bastava lhe dar 25 centavos.

Meu quarto ficava no terceiro andar, o que era perfeito. Eu não precisava usar o elevador com frequência e podia minimizar o tempo que passava naqueles espaços públicos nojentos – só precisava entrar e sair do prédio pela escada de incêndio que passava em frente à minha janela. Também havia gente usando drogas no pé da escada, mas eram poucas pessoas, e eu estava no alto, então dava para levar.

O quarto era apertado, dois metros por dois metros e meio. Tão estreito

que eu quase conseguia fechar a porta e abrir a janela ao mesmo tempo, sentado na cama. Era menor que o tamanho mínimo para celas de cadeia recomendado hoje em dia. Mas a pior parte era ter que dividir o banheiro no corredor com dez outros moradores.

Era dureza, mas para mim era o paraíso. Eu finalmente tinha meu canto. Uma base.

Minha primeira atitude foi desfazer a mala, o que levou cerca de dez segundos. Em seguida, lavei minhas roupas. Só menciono essa parte porque eu tinha um método de higienização: tomava banho de roupa e, quando tirava a sorte grande de encontrar um sabonete que não tivesse um pelo esquisito grudado, o utilizava para ensaboar a camisa, a calça, a cueca, as meias… e a mim mesmo.

Talvez você esteja se perguntando: não seria melhor – ou mais fácil – ir a uma lavanderia ou tomar um banho normal e lavar as roupas fora do corpo? Na verdade, não. Eu já estava no banho me lavando, então por que não continuar de roupa? É a forma mais rápida e barata de resolver o problema, e é mais fácil do que ir a uma lavanderia e ter que passar uma hora lá só para evitar que alguém roube suas roupas da secadora.

Tinha sido uma semana longa e absurdamente quente. Abri a janela para entrar um ventinho e me estiquei no colchão fino e afundado. Era minha primeira oportunidade real de observar os arredores. O quarto não tinha ar-condicionado, claro, e o velho aquecedor de ferro parecia prestes a despencar da parede. Metade do papel de parede tinha descascado com o tempo, e as camadas de tinta que se acumulavam havia uns quarenta anos no batente da porta e no teto estavam ressecadas, rachadas e onduladas. Em dado momento me virei para a mesinha de canto e vi uma cópia gasta e amassada das Páginas Amarelas.

Era uma visão destoante. Não havia telefones naqueles quartos. E, mesmo se houvesse, para quem aquela gente iria ligar? Mesmo assim, foi uma descoberta fantástica. Eu tinha assistido a muitos filmes na infância e conhecia o show business de Miami bem o bastante para saber que, se quisesse arrumar trabalho em Nova York, uma das primeiras coisas que precisaria fazer seria arrumar um agente. E as Páginas Amarelas eram uma coleção de nomes e endereços das pessoas exatas que eu precisava conhecer. Eram um caminho rumo… a algum lugar.

Peguei o calhamaço e comecei a folheá-lo. Quando cheguei na letra T, abri na página que dizia *Talentos*, e o mundo inteiro do show business de Nova York se abriu para mim: devia haver centenas de nomes na seção de agências e empresários de talentos. Peguei meu caderno e anotei os primeiros cinco nomes da lista. Meu objetivo era, a cada dia, visitar três ou quatro agentes ou empresários. Com mais de cem nomes para consultar, eu ficaria ocupado por três ou quatro semanas, pelo menos.

Começaria na manhã seguinte, quando minhas roupas estivessem secas.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br





Este e outros títulos do nosso catálogo estão
disponíveis em audiolivro.